

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

sociale (1943-1944)
étés – Civilisation
anças fortuitas, dir:
Annales. Publicaç
temáticas que des

Annales, Estrasburgo, 1929 –

A 15 de janeiro de 1929, com a direcção de Lucien Febvre (1878-1956) e de Marc Bloch (1886-1944), ambos professores na renovada Universidade de Estrasburgo, com edição da Armand Colin, surgem os *Annales d'histoire économique et sociale* (1929-1938) título que variará ao longo dos anos da sua publicação: *Annales d'histoire sociale* (1939-1941), *Mélanges d'histoire sociale* (1943-1944), *Annales d'histoire sociale* (1945), *Annales. Économies – Sociétés – Civilisations* (1946-1993), *Annales. Histoire, Science Sociale* desde 1994. Mudanças fortuitas, dirá Lucien Febvre, de um periódico que ficará sempre conhecido como *Annales*. Publicação que se tornou numa referência para inovações metodológicas e temáticas que desde então os historiadores foram introduzindo na história, na arquitectura e no discurso histórico. Aí nasce a mais tarde denominada Nova História, designação talvez pouco correcta, mas que importa por assinalar o definitivo abandono do positivismo e do eventualismo bafientos. Que aí procuravam – e assim se lê logo na apresentação da revista pelos seus directores – acabar com o cisma entre passado e presente e entre os vários estudos de períodos consagrados pelas práticas historiográficas. Mais. O conhecimento do passado precisava (e exigia) o estudo do presente, como o conhecimento do presente necessitava (e impunha) o estudo do passado. A revista seguia e aprofundava as pisadas abertas por Henri Berr e pelo movimento que se concretizou na *Revue de Synthèse* (a partir de 1900) e pela obra do historiador belga Henri Pirenne (1862-1935), como também pelas de companheiros como Henri Hauser, Georges Lefebvre, François Simiand e Maurice Halbwachs. E outros. E não necessariamente historiadores, mas psicólogos, sociólogos, antropólogos, economistas, geógrafos, e em geral cultores de todas as disciplinas das Ciências Sociais.

Para além dos artigos que iam acolhendo ou solicitando, os *Annales* mantiveram uma cuidadosa e atenta recensão crítica dos livros que estavam sendo publicados, e não apenas de história. O que era indispensável para bem sustentarem os princípios de alargamento às ciências sociais que se afirmavam indispensáveis na publicação. Nessa secção da revista, mais do que em qualquer outra, tratavam os seus directores e os redactores ou os recenseadores encarregados de defender o que entendiam pela história que deveria ser investigada e escrita. De um modo muito concreto e muito combativo. Inicialmente um tanto “polémico” e mesmo “messiânico”, o que depois se irá atenuando (Revel e Chartrier, “Annales”, p. 28).



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Como iam dando notícia de congressos e outros acontecimentos que supunham interessar aos seus leitores. Logo no primeiro número, e para mostrar a diferença, para além do que Marc Bloch conta do Congresso de Ciências Históricas de Oslo (de 1928), vem a notícia do Congresso Internacional de Geografia do mesmo ano. Na leitura dos sumários de cada um dos números, mesmo dos saídos durante a penosa guerra em que Marc Bloch vai ser fuzilado como resistente à barbárie nazi, mesmo então, com o nome encurtado para *Mélanges d'histoire sociale* (para se furtar à censura instituída às publicações periódicas) as resenhas de livros, as críticas, o alargamento temático não cessou. Como escreveu Lucien Febvre, sabendo do assassinato do seu parceiro, os “*Annales* continuam. Tanto quanto durarem, alguma coisa de Marc Bloch permanecerá entre nós, vivo, agindo, fecundo.” (*Mélanges*, 1944, vol. 6, nº1). Por isso, Lucien Febvre, em momento decerto doloroso de retomar o percurso sem o companheiro, avança: “apresentemos nós próprios ao público a História, a nossa História, a verdadeira História, de modo tal que este público, enfim, compreenda o que ela é, e para que serve.” E por aí se alcance “o sentido secreto dos destinos humanos.” (Febvre, “Face”, p. 8). Serão afinal incessantemente esses os seus *Combates pela História*. Como tinham sido os de Marc Bloch que em 1941, “entre as piores dores e as piores ansiedades” de uma guerra em que iria perecer, iniciava a sua *Apologia pela história ou Ofício de historiador* com uma pergunta de criança: “para que serve a história?” (Bloch, *Introdução*, p. 11). Resposta que procurava dar nesse admirável livro.

A repercussão dos *Annales* foi tal que sendo apenas uma revista, acabaram por se tornar uma instituição, de que a francesa VI^e section da École Pratique des Hautes Études (com Lucien Febvre e Charles Morazé em 1947) – depois École des Hautes Études en Sciences Sociales (com Fernand Braudel a partir de 1956) acabou por ser outra face também visível dessa maneira de pensar e de fazer história em propositada relação íntima com as ciências humanas e sociais. Na lição de Braudel: “Uma das características de todas as pessoas que giram à volta dos *Annales*, é que o seu interesse é muito mais extra-histórico, estrangeiro a uma formação tradicional histórica, que interior à história.” (Braudel, *Les ambitions*, p. 173). Com uma convergência de atitudes mas sem uma unidade doutrinal – qualquer que fosse. Atitudes, problemáticas, métodos: sempre todos os que nesse espírito se integraram têm negado que os *Annales* se tivessem tornado uma escola. Como explica um dos seus membros, “os historiadores da Escola *stricto sensu* trabalhavam em sentidos por demais diversos para serem facilmente reagrupados sobre uma bandeira intelectual comum”, sempre pela “ausência de espírito de sistema que caracterizava os *Annales* desde a origem”, essa como que “vagabundagem por todos os campos”, por “oportunidade e liberdade excepcionais”, atitude “feita de hospitalidade e abertura.” (Furet, *A Oficina*, p. 9). Magalhães Godinho reforça: “Não há uma “escola de Paris” em historiografia, no sentido de um conjunto de historiadores que sigam um padrão, que adoptem um formulário. Há apenas, e é muitíssimo, no sentido de uma atitude comum [...] de partir de problemas, e problemas basilares da existência dos homens. Para



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

buscar caminhos de explicações por uma faina paciente de reunião de dados e elaboração tanto quanto possível completa, não receando a ousadia das hipóteses, nunca se confinando nos horizontes acanhados, antes partindo sempre ao encontro de todas as outras perspectivas. O grupo dos “Annales” considera que não há, que não tem sentido que haja ciências humanas compartimentadas [...]” (Godinho, *Ensaio III*, pp. 273-274). E Fernand Braudel, em 1955, é peremptório: “há um movimento dos Annales, não uma escola” (Braudel, *Les ambitions*, p. 172). E no ano seguinte, ao assumir a direcção da revista à morte inesperada de Lucien Febvre, não deixa de reiterar: “Nem Marc Bloch, nem Lucien Febvre tiveram a vontade ou a ilusão de ter fundado uma Escola, com as suas fórmulas e as suas soluções.” (Braudel, “Les Annales”, pp. 1-2). E há mesmo quem defenda que se trata de “uma comunidade científica” e refute a existência de “uma capela dogmática.” (Revel e Chartrier, “Annales”, p. 29).

Abertura às ciências humanas, liberdade, nada mais contrário ao que se vivia em Portugal por esses anos. Onde se prolongava a historiografia metódica ou neo-metódica (Nunes, *A História*, p. 260), por vezes de excelente qualidade erudita, mas que não ia além disso (e muitas vezes nem isso) – sequer interessada em qualquer inovação metodológica ou em construções de novas problemáticas. Leia-se em Braudel: “quando se trata da equipa dos *Annales*, do movimento, ou da pseudo-escola, dos *Annales*, aquilo que se lhe censura, o que nos censuram, é de ter esta preocupação particular de uma liberdade indispensável, que é liberdade do espírito de investigação, qualquer que seja a descoberta, se há descoberta, que encontraremos.” (Braudel, *Les ambitions*, p. 190).

No entanto, e não sendo uma publicação oficial de alguma universidade, a pouco e pouco os *Annales* vão sendo divulgados, tendo algum efeito também em Portugal. Sabe-se, pelo testemunho de Vitorino Magalhães Godinho, que desde cedo, talvez desde 1935, a Biblioteca Nacional de Lisboa tinha a revista à leitura (Godinho, *A crise*, p. 7). Em Coimbra, e por oferta francesa, talvez por mediação de algum leitor, existiam no Instituto de Estudos Franceses os primeiros números da publicação, de 1929, recepção que foi interrompida a pedido da Faculdade de Letras em 1935! Para compensar, a Faculdade de Direito também desde 1929 que recebia a revista e manteve a assinatura, que a Faculdade de Letras só retomará em 1961 (Nunes, *A História*, p. 59). O que significa que os historiadores portugueses, se encontravam bastante alheados de pesquisas e de orientações modernizadoras que estavam a ser determinantes de uma renovação historiográfica, apesar de conseguirem ter acesso a uma das mais importantes publicações da especialidade promotora de novas visões e de novas pesquisas. Assim quisessem. Porém, os mestres universitários podiam mesmo dispensar tal publicação... Por certo que nem Mário Brandão, nem Manuel Lopes de Almeida, nem mais tarde Salvador Dias Arnaut, ou Avelino de Jesus da Costa, em Coimbra, como Manuel Heleno ou Mário de Albuquerque em Lisboa, eruditos respeitáveis (o que aqui não importa), se aproximariam de uma qualquer problemática que se pudesse dizer social.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Mas por vezes há estranhas revelações e mesmo sucedem inesperadas surpresas. Como o escrito com que Torquato de Sousa Soares, professor extraordinário em Coimbra, apreciou Marc Bloch poucos anos depois do seu assassinato, talvez em 1953 (embora no volume da *Revista Portuguesa de História*, tom. III, datado de 1947). Estranhamente, dedica a Marc Bloch um sentido artigo. O professor medievalista dele terá lido em boa parte os trabalhos que elogiosamente refere: “deixou uma obra que, sem ser extraordinariamente extensa, abre, como um clarão, novas perspectivas à História, substituindo o velho conceito de *ciência do passado* pelo de *ciência do homem* ou, melhor, *dos homens* – dos homens no tempo – ciência que não decompõe o homem em funções separadas, mas que o mete inteiramente em si próprio. Por isso a história evolue com o homem, e como ele é engenhosa, é activa.” (Soares, *Marc*, p. 6). Afirma mesmo desse “apóstolo de nobres ideais” que se encaminhou para o martírio. E não deixa de considerar central a sua acção na revista: “Não basta, para se apreender a obra de Marc Bloch, ler os seus livros. De facto, talvez nenhum deles conserve tanto o sabor da sua actividade mental como os *Annales d’Histoire économique e sociale* que, com Lucien Febvre, fundou em 1929.” (Idem, p. 7). E Torquato passa em revista, rápida mas atentamente, e sempre carregados de elogios, os livros e alguns artigos, e também algumas participações na revista que apreciava. Anuncia ainda preparar um “minucioso exame crítico” a *Apologie pour l’Histoire ou Métier d’Historien*, trabalho que afirma “rico de ideias e sugestões” (Idem, p. 24). É estranho que não tenha separado o historiador do cidadão, tratando-se de um resistente ao nazismo, feito com os comunistas, que Torquato atacava violentamente nas aulas, pelo menos nos anos Sessenta. Porque se trata de uma “mensagem de uma personalidade tão rica, de um espírito tão fino e tão bem sazonado pela reflexão e pela experiência, por vezes tão cruel, que não pode deixar indiferentes.” (Idem, pp. 24-25).

Mas Torquato, salvo a honrosa excepção da sentida evocação de Marc Bloch, não irá nos seus trabalhos além dos historiadores de algum modo eruditos como Gama Barros e pouco mais avançará numa modernidade que abominava. Apesar da atenção que dava aos títulos que se publicavam em terras de França e de Espanha, adquirindo boa e actualizada bibliografia para a Faculdade. Contradições insanáveis. Por seu intermédio Charles Verlinden (1946-1947) e Yves Renouard (1949-1950) passaram por Coimbra, mas não deixaram marca nem seguidores, nem isso importava a alguém. O fim dos anos 40, os anos 50 e inícios de 60 serão anos de chumbo na Faculdade. O mais a que se abalançava Torquato como historiador (e apenas às vezes) era a Henri Pirenne e François-Louis Ganshof. Com uma ou outra incursão até Michel Mollat em obra de generalidades (Soares, “O Infante”).

Como logo desde início tinham avançado Marc Bloch e Lucien Febvre, a história não trata do indivíduo mas da sociedade – ou quando trata do indivíduo fá-lo no enquadramento de uma sociedade. De uma maneira alargada, buscando apoio e relacionando-se com todos os saberes. O que seria considerado perigoso. Como disse Georges Duby, a revista “os *Annales* forçou a história a debruçar-se sobre as outras



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

ciências do homem e a abrir-se a elas.” (Duby, “Historiador”, p.13). Ora abertura era coisa que parecia mal em universidades portuguesas. A própria *Revista Portuguesa de História* (criada em 1941), que ainda mostra alguns sinais de bem receber inovações nos iniciais anos 40, depois como que resulta um órgão de um grupo ensimesmado de investigadores até entrados os anos 60. Pese embora os esforços com que pretendia colaborações exteriores. Só com o andar dos anos dessa década as orientações e os interesses tenderão a orientar-se noutra sentida.

Entretanto a situação tendia a mudar em Lisboa. Foi precisamente entre os primeiros discípulos de Vitorino Magalhães Godinho, dos anos em que leccionou na Faculdade de Letras de Lisboa (1942-1944), que se instalou a inovação e que se abrem novas perspectivas historiográficas. Desse grupo fazem parte historiadores que serão depois os cultivadores dessas outras orientações: Joel Serrão, Jorge Borges de Macedo, Joaquim Barradas de Carvalho, Margarida Brandão, Julião Soares de Azevedo, José Gentil da Silva, Bandeira Ferreira, Maria de Lourdes Belchior e uns tantos mais. “Foi graças ao professor Magalhães Godinho que se nos tornaram familiares os novos métodos da historiografia postos em uso pela equipa dos *Annales* – Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel e outros.” (Soares, *Portugal*, p. 46). Antes disso “essa corrente historiográfica era pouco conhecida.” (Godinho, *Do ofício*, p. 42). Dando continuada atenção à historiografia que decorria da lição e da doutrinação dos *Annales*. Que viria a deixar marcas na historiografia portuguesa do post-guerra, se bem que dificilmente subisse às universidades. Ou descesse, como afirmava Rodrigues Lapa – o que lhe valeu a expulsão do ensino superior português em 1935. Entretanto em Lisboa uma tentativa de actualização tem como figura central ainda Vitorino Magalhães Godinho, que de fora da universidade (depois de 1944) não desistia de iniciativas de modernização nomeadamente através da tentativa de criação e dinamização de um núcleo português da parisiense Associação Marc Bloch sob a designação de Sociedade Portuguesa de História da Civilização (1949-53). Nela se procurava dinamizar uma actualização da história que se estava escrevendo e ensinando. Como seria de esperar com actividades fortemente condicionadas pelo governo. Grupo que de algum modo estava relacionado com a *Revista de Economia* (1948-1964). Mas apesar de tudo, essas válvulas de respiração intelectual vão fazendo o seu caminho, e provocando o suscitar de vocações e interesses renovados. Em ligação com a revista dirigida então por Lucien Febvre. É o próprio Magalhães Godinho que afirma: “Considero-me vinculado ao grupo dos “Annales”, não apenas por ser seu colaborador e ter sido um dos fundadores da Association Marc Bloch [em Paris], mas sobretudo porque o liga uma atitude anti-dogmática, com base no humanismo científico.” (Godinho, *Ensaio III*, p. 274).

Modernidade que mesmo na Espanha franquista ocorria – de que um bom exemplo se mostra nos historiadores como Jordi Nadal (1929), Joan Reglá (1917-1973) e Josep Fontana (1931) reunidos em Barcelona no Centro de Estudos Históricos Internacionais em torno de Jaume Vicens Vives (1910-1960) – relacionados com Febvre e Braudel e com os *Annales*. Segundo Pierre Vilar, Vicens Vives era um mestre



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

incontestável e infatigável animador de estudos (*Annales*, année 1954, vol. 9, nº 2, pp. 262-264). Devem-se-lhe, além de outras obras *Aproximación a la historia de España* (1952) e a direcção da *Historia social y económica de España y América* (1957-1959). Não só. Em outros centros espanhóis a mesma influência francesa se sentiu através de Felipe Ruiz Martin (1915-2004), de Valentín Vázquez de Prada (1925), de Gonzalo Anes Álvarez (1931-2014) (discípulos directos de Braudel em Paris) e de Antonio Domínguez Ortiz (1909-2003), entre outros.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, que se mantinha na tradicionalista e boa rota governamental sem notadas hesitações, as coisas não seriam diferentes nem pareciam com tendência a mudar. No entanto, e muito lentamente, alguma actualização ia fazendo o seu caminho: Virgínia Rau (licenciada em 1941, doutora em 1946) conhecia – mas não seguia – os exemplos mais complexos e mais ricos da literatura que tinha entre mãos. Muito bem informada, dispunha das obras mas não se observa que acompanhasse os autores nas suas pesquisas pois se os cita com alguma frequência – não se segue que os tome como exemplo e se inspire nos problemas e temáticas que levantam. Embora: Virgínia Rau, pioneira nos estudos de história económica na universidade portuguesa, deu sempre mais atenção aos aspectos comerciais e mesmo financeiros do que a outros campos da história económica que se supunha cultivar. Torna-se evidente nos seus trabalhos (sobretudo nas inúmeras migalhas documentais que compôs depois de alcançada a cátedra em 1951), que não ignorava a colecção parisiense “Ports-Routes-Trafics” de Armand Colin (com edição da *École Pratique des Hautes Études* desde 1951), que utilizava para boa ornamentação dos seus escritos: F. C. Spooner, Vicens Vives, Magalhães Godinho, Fernand Braudel, Frédéric Mauro, Jean Meuvret, Earl J. Hamilton, Gentil da Silva, Henri Lapeyre, Charles Verlinden, Raymond de Roover, J. Trocmé e M. Delafosse, tudo gente dos *Annales* ou próximos das correntes historiográficas modernizadoras – para além dos mais antigos cultores da história económica, Jan Denucé (sobretudo) e J. A. Goris, além de muitos outros. Como bem se confirma pelo catálogo do leilão dos livros que lhe tinham pertencido (Oliveira, *Catálogo*). Sendo conhecida nos meios historiográficos estrangeiros onde comparecia quando havia encontros de destaque. Pela certa não terá sido por acaso que colaborou nas *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel. Histoire économique du monde méditerranéen 1450-1650*.

Na mesma linha e mesmo mais próximo dos problemas e questões, como dos interesses da história económica e social como era defendida pelos *Annales*, situa-se a obra de Jorge Borges de Macedo, pelo menos a partir dos anos Sessenta, quando terá dado uma especial atenção aos problemas de método na história económica decorrentes das obras de Lucien Febvre, Fernand Braudel e Jean Meuvret que expressamente cita na bibliografia da sua dissertação de doutoramento (Macedo, *Problemas*, 1963, p. 360). E que não deixaria de referir e de fazer estudar nas suas aulas, muito especialmente da cadeira denominada Teoria da História. A. H. de Oliveira Marques também se mostra atento ao que vai saindo desses meios franceses relacionados com a nova forma de pensar e de construir a história. Por isso lhes



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

são familiares Renée Doehard, Jan Craeybeckx, Charles Verlinden e Michel Mollat além de outros autores medievistas que enriquecem a problemática dos seus estimulantes *Ensaio de História Medieval Portuguesa* e que não deixariam de imergir nas suas aulas – nos poucos anos em que o salazarismo lhe permitiu ensinar em Portugal. E se não é de imaginar que Eduardo Borges Nunes se mostrasse interessado nos *Annales*, há que supor que José António Ferreira de Almeida, que se pode caracterizar como historiador ágrafo mas muitíssimo bem informado, deixasse de enveredar pelos caminhos da inovação entre 1952 e 1961, anos em que leccionou História de Portugal na Faculdade de Lisboa.

Entretanto nos anos Sessenta – e só então – na Faculdade de Letras de Coimbra a presença de Luís Ferrand de Almeida e de António de Oliveira também se traduzirá num caminho para as mais recentes pesquisas históricas, com avanços e recuos condicionados pelos incertos tempos que corriam, mas com uma atenção sempre cuidadosa ao que em Paris se ia fazendo. Pelo que a história económica e social, atenta aos *Annales* foi sendo inspiradora de trabalhos desses assistentes (ao tempo) e mesmo de dissertações de jovens licenciandos que a Faculdade não pretendia controlar. Na refundada Faculdade de Letras do Porto, desde 1962 estava como professor José António Ferreira de Almeida, vindo de Lisboa. Embora com escassa produção escrita, era um mestre imensamente sabedor e um excelente prelector – Godinho dizia dele que dos portugueses era quem sabia mais História – que não deixaria de usar a actualização e a abertura de campos historiográficos que os *Annales* iam mostrando. Dissertações de licenciatura orientadas por si trazem essa marca. Mas a Faculdade de Letras do Porto, dirigida por historiador de arregaçada tradição erudita e com professores muito conservadores só mais tarde, depois de 1974, viria a revelar-se empenhada em novidades metodológicas e temáticas. Entretanto vegetariana ao sabor de métodos bem sabidos e devidamente provados.

Assim, *volens nolens*, a historiografia portuguesa posterior aos anos 40 foi influenciada pelo que em França se ia publicando e em especial pelos autores de referência que se afirmaram a partir dos *Annales*: Marc Bloch, Lucien Febvre sobretudo, no fim desses anos 40 Fernand Braudel e posteriormente os discípulos destes primeiros, Emmanuel Le Roy Ladurie, Pierre Goubert, René Baehrel, Frederic Mauro, Pierre Chaunu, Albert Silbert e muitos mais. Não nos podemos esquecer que Vitorino Magalhães Godinho é parte inteira desse grupo, tal como Gentil da Silva, e que Luís de Matos e Joaquim Barradas de Carvalho foram muito directamente influenciados pelo que se passava em Paris na École Pratique des Hautes Études (IV^e section) que ambos frequentaram embora em tempos diferentes.

Como Godinho declara em carta a Lucien Febvre logo em 1946 foi sob a influência dos *Annales* que se formou o seu espírito de historiador debutante (Godinho, *Do ofício*, p. 107). Revista na qual quase de seguida, quando já em Paris, colabora com 6 contribuições entre 1948 e 1950. E não foram muitos os restantes portugueses cujos nomes figuram nos *Annales*, entre 1948 (antes não os há) e 1975: além de Magalhães Godinho (1918-2011), Alfredo Margarido (1928-2010) com 7 contribuições entre 1970 e 1974,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

António José Saraiva (1917-1993) com 5 colaborações entre 1967 e 1970, Miriam Halpern Pereira (1937) com 1 contribuição já em 1975 e Joel Serrão (1919-2008) também com 1 contribuição em 1954 além de José Gentil Pires da Silva (1922) este com 9 colaborações entre 1961 e 1971. Todos, excepto Joel Serrão, com longas passagens ou estadias demoradas por França e contactos muito próximos com os historiadores e com a historiografia francesa. Portugueses que, não por acaso, se aproximam dessa revista já então mítica, – e há que reavivar que Magalhães Godinho é mesmo um historiador da escola francesa – discípulo directo de Lucien Febvre e de Fernand Braudel (de 1947 a 1960) – pelo que Lucien Febvre pôde escrever que em Paris e em contacto com o meio dos *Annales* a sua visão se tinha alargado. (Godinho, *Do ofício*, p. 184). E não há como esquecer que Gentil da Silva foi discípulo muito próximo de Braudel que lhe publicou os vários volumes sobre a estratégia de negócios em Lisboa nos séculos XVI-XVII e com quem se doutorou com uma tese sobre a banca e o crédito em Itália no século XVI, ficando porém a ensinar na universidade de Nice e pouco ou nada intervindo depois na história que se estava fazendo no país de origem.

Afinal, dessas inovações e dessas criações que estavam a mudar os rumos da história que se investigava, escrevia e ensinava nos meios mais avançados da Europa, alguma coisa foi chegando a Portugal. Pena foi que mais cedo e maior influência não pudesse ter despertado no meio académico por uma tão estimulante História, ampla e enriquecedora, que se queria “conhecimento cientificamente conduzido”, segundo a sabida lição de Lucien Febvre. Essas influências irão sobremaneira ser desenvolvidas com as novas organizações e novo pessoal docente das licenciaturas em História a partir de 1974. A que as acções estudantis de contestação, embora confusas e sem orientações definidas, não foram alheias, e a que se junta o regresso e a integração na universidade de professores anteriormente afastados, nomeadamente António José Saraiva, André Crabbé Rocha, Vitorino Magalhães Godinho, Joaquim Barradas de Carvalho, Victor de Sá, A. H. de Oliveira Marques, Sacuntala de Miranda, Ângela Guimarães, Miriam Halpern Pereira, além de outros, expulsos ou afastados por imposição descrionária do poder político e ainda de quantos a que nem sequer fora aberta a possibilidade de ingresso na docência no ensino superior. Ao mesmo tempo que novos bolseiros e postulantes de dissertações para graus académicos se encaminhavam para centros de investigação actualizados e estimulantes. O que se traduziria numa profunda modificação da história que se investigava e se ensinava em Portugal. Em que, naturalmente, a influência mais ou menos próxima quando não a marca da recepção dos *Annales* haveria de tornar-se evidente.

Bibliografia: BLOCH, Marc, *Introdução à História*. Trad., Lisboa, Europa-América, 1965; BRAUDEL, Fernand, *Les ambitions de l'Histoire*, Paris, Éditions de Fallois, 1997; Idem, “Les Annales continuent...”, in *Annales – Économies – Sociétés – Civilisations*. Paris, Armand Colin, vol. 12, nº 1, 1957; DUBY, Georges, “Historiador, hoje”, in Duby, G, Ariès, P., Ladurie, E. L., Le Goff, J., *História e Nova História*, Lisboa, Edições

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Teorema, 1986; FEBVRE, Lucien, *Combats pour l'Histoire*, Paris, Armand Colin, 1953; Idem, "Face au vent, manifeste des *Annales nouvelles*", in *Annales – Économies – Sociétés – Civilisations*. Paris, Armand Colin, vol. 1, nº 1, 1946; FINK, Carole, *Marc Bloch. Uma vida na história*. Trad., Oeiras, Celta Editora, 1995; FURET, François, *A oficina da História*. Trad., Lisboa, Gradiva, [s.d.]; GODINHO, Vitorino Magalhães, *A crise da história e as suas novas directrizes*. 3ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2013. [1ª ed. 1947]; Idem, *Ensaio III Sobre teoria da história e historiografia*, Lisboa, Sá da Costa, 1971; Idem, *Do ofício e da cidadania. Combates por uma civilização da dignidade*, Lisboa, Edições Tabela Redonda, 1989; MACEDO, Jorge Borges de, *Problemas de História da Indústria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, J. B. de Macedo, 1963; MARQUES, A. H. de Oliveira, *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. 2ª ed., Lisboa, Editorial Vega, 1980. [1ª ed. 1963]; NETO, Margarida Sobral, *Problemática do saber histórico. Guia de estudo*, Coimbra, Palimage, 2013; NUNES, João Paulo Avelãs, *A História Económica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1995; OLIVEIRA, Arnaldo Henriques de, *Catálogo da importante e valiosa biblioteca que pertenceu à ilustre professora da Faculdade de Letras de Lisboa Doutora Virgínia Rau*, Lisboa, 1975; RAU, Virgínia, "Les emblèmes et l'histoire des techniques au Portugal au cours des XV^e et XVI^e siècles. *Mélanges en l'honneur de Fernand Braudel Histoire économique du monde méditerranéen 1450-1650*, Toulouse, Privat, Editeur, 1973; REVEL, Jacques e Charrier, Roger, "Annales", in Le Goff, Jacques, Charrier, Roger e Revel, Jacques (dir.), *La Nouvelle Histoire*, Paris, Retz, 1978; RODRIGUES, Manuel Augusto, *Memoria professorum Universitatis Conimbrigensis*, Coimbra, Arquivo da História Universidade, 1992; SOARES, Mário, *Portugal amordaçado depoimento sobre os anos do fascismo*, Lisboa, Arcádia, 1974; SILVA, José Gentil da, *Banque et crédit en Italie au XVII^e siècle. I: Les foires de change et la depreciacion monétaire; II: Sources et cours des changes*, Paris, Editions Klincksieck, 1969; SOARES, Torquato de Sousa, *Marc Bloch*. Coimbra: separata da *Revista Portuguesa da História*, tom. III, 1947; Idem, "O Infante D. Henrique arauto da Idade-Nova", in *O Instituto. Número comemorativo do V Centenário da morte do Infante D. Henrique*, Coimbra, 1961.

Joaquim Romero Magalhães



APOIOS:

